

ciência+saúde

Os cientistas voltaram do Japão com relatórios detalhados sobre as cidades destruídas e seus habitantes devastados.

Pela primeira vez, Oppenheimer e todos em Los Alamos tinham uma visão completa daquilo que haviam criado.



O físico norte-americano Robert Oppenheimer, que chefiou o projeto de construção da bomba nuclear, chamada mais tarde por ele de "a mais terrível das armas"

Em outras palavras, a única maneira de obter uma quantidade significativa de energia é fissionando o maior número de átomos possível, todos de uma só vez.



É aí que entra a reação em cadeia.

Com os olhos protegidos, os observadores no centro de comando, a mais de oito quilômetros de distância, viram um clarão vindo do Leste.

O brilho da atmosfera queimando como o filamento de uma lâmpada.

A bola de fogo reluziu mais intensamente do que três sóis num dia claro.

Tão intensamente que, a 80 quilômetros dali, uma garota cega virou a cabeça e perguntou:

"O que é isso?".

A BOMBA PRIMORDIAL

Livro narra, em quadrinhos, a história da primeira bomba atômica, desenvolvida pelos EUA em 1945, e mostra o debate ético e político deflagrado por ela

MARCELO LEITE
DE SÃO PAULO

É preciso coragem para abordar o tema da bomba atômica no formato de história em quadrinhos (HQ). Por sorte existe Jonathan Fetter-Vorm, que não teve medo de correr riscos com seu "Trinity".

O livro lançado pelo selo Três Estrelas, do Grupo Folha, transpõe habilmente para a linguagem gráfica a história das bombas nucleares que explodiram sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki em 6 e 9 de agosto de 1945, respectivamente.

As detonações mataram pelo menos 200 mil pessoas nos dois locais (as estimativas variam) e forçaram a rendição do Japão. Pôr um ponto final na carnificina da Segunda Guerra Mundial, aliás, foi a principal justificativa moral do governo americano para sua demonstração de força atômica.

A narrativa de Fetter-Vorm não contorna o debate ético e político deflagrado por Little Boy e Fat Man (apelidos dos dois artefatos nucleares). Ao contrário: seja pela boca de cientistas atormentados, como Robert Oppenheimer, seja por não economizar vibração nas poucas imagens de vítimas, o desenhista deixa claro seu horror perante os fatos.

Isso não impede o desenhista americano de narrar também uma eletrizante fábula de descoberta científica e engenharia tecnológica para domar as forças gigantescas contidas no recesso dos núcleos atômicos. É a história de Trinity, nome em código do teste de detonação da primeira bomba da história, num deserto do Novo México, em 16 de julho, três semanas antes de Hiroshima.

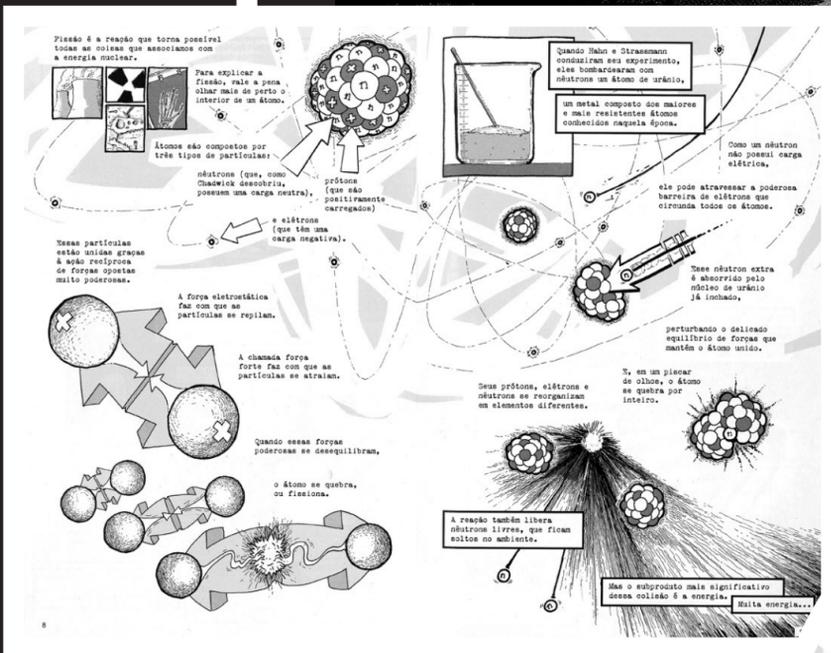
Para isso, o livro recua a 1898, na França, com a descoberta do fenômeno da radioatividade por Marie e Pierre Curie. Inúmeros diagramas de átomos e seus núcleos dissecam, com grande didatismo, a reação nuclear em cadeia que alimenta a explosão.

Fetter-Vorm desenha com minúcia, ainda, os mecanismos diferentes de Little Boy e Fat Man. Ambos funcionaram lamentavelmente bem.

Alguém precisava contar essa história, em especial para os mais jovens. É bom que ninguém se esqueça dela.



A esfera subiu, espalhando céu acima traços radioativos roxos, azuis, escarlates, verdes.



A obra explica, de forma didática, o que é a fissão nuclear, reação em que um núcleo atômico se divide em duas partes e libera muita energia



Alguns dos principais personagens envolvidos na criação da bomba, como o físico Leo Szilard (o primeiro à esq.), o general Leslie Groves, o italiano Enrico Fermi e Robert Oppenheimer



Criança ferida pela explosão da bomba nuclear em Nagasaki, a segunda a ser detonada pelos EUA; mesmo os que sobreviveram à onda de choque e calor sofreriam com a radiação posteriormente